

Histórias em quadrinhos: formando leitores¹

Comics: forming readers

Mariana Oliveira dos SANTOS²

Maria Emilia GANZAROLLI³

Resumo

O foco do presente estudo são as histórias em quadrinhos e as possibilidades de incentivo de sua leitura na escola e na biblioteca. A pesquisa tem caráter bibliográfico, qualitativo e exploratório, resultante de um levantamento de projetos e trabalhos que utilizaram os quadrinhos na formação de leitores. Além da trajetória histórica dos quadrinhos no Brasil e de suas características de linguagem, buscou-se identificar, nos projetos e trabalhos selecionados, a participação do bibliotecário e do professor como mediadores entre os quadrinhos e as crianças. A pesquisa confirma a hipótese de que a história em quadrinhos é um recurso muito eficiente como incentivo à leitura, além de um importante auxiliar no ensino, contribuindo para a formação de leitores mais competentes.

Palavras-chave: Formação do usuário. Gibitecas. Histórias em quadrinhos. Incentivo à leitura.

Abstract

The focus of this study is comics and the possibilities of encouraging the reading of them in schools and libraries. The research is bibliographical, qualitative and exploratory in character, the result of a survey of projects and studies that used comics to form readers. Besides the historical trajectory of comics in Brazil and their linguistic features, we sought to identify, in selected projects and works, the participation of librarians and teachers as mediators between the comics and the children. The research confirms the hypothesis that comics are very efficient resources as incentives to reading, as well as an important aid in teaching, helping to form more competent readers.

Keywords: Formation of the user. Comics. Comic libraries. Incentives to reading.

Introdução

O ser humano, ser social, não sobrevive sem interações e sem inteirar-se do que existe ao seu redor. Ler é uma atividade que nutre e estimula o imaginário, desenvolve o espírito, desperta sensações e a criticidade (Carvalho; Oliveira, 2004).

As Histórias em Quadrinhos (HQ) estimulam e incentivam o leitor a buscar também outros tipos de

leitura, uma vez que, juntamente com os livros, são instrumentos saudáveis para estimular a imaginação e o raciocínio de jovens e crianças (Iannone, L.; Iannone, R., 1994).

De acordo com Vergueiro (2005), as HQ, juntamente com o cinema, são o meio de comunicação de massa mais importante do Século XX, ampliando-se, a partir da década de 1930, para praticamente todos os países do mundo. Para Alves (2001):

¹ Artigo elaborado a partir do trabalho de conclusão de curso de M.O. SANTOS, intitulado "História em quadrinhos: formando os leitores". Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008.

² Bibliotecária, Faculdade Borges de Mendonça. R. Santos Dumont, 104, Centro, 88015-020, Florianópolis, SC, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: M.O. SANTOS. E-mail: <biblioteca@bm.edu.br>.

³ Professora, Universidade do Estado de Santa Catarina, Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação. Florianópolis, SC, Brasil.

Recebido em 30/11/2009, reapresentação em 13/1/2011 e aceito para publicação em 21/2/2011.

A história em quadrinhos [...] é um meio de comunicação de massas, cujas histórias são narradas através de imagens desenhadas e texto inter-relacionados [...]. Além de informar e entreter, têm junto a outros meios de comunicação de massa um papel na formação da criança. A história em quadrinhos é transmissora de ideologia e, portanto, afeta a educação de seu público leitor.

Como meio de comunicação de massa, as HQ surgiram nos Estados Unidos no final do Século XIX e, no mesmo período, na Europa. Embora ainda não sejam reconhecidas por todos como produção artística e cultural de grande influência na sociedade, atualmente são publicadas em grande variedade de títulos e com grandes tiragens (Vergueiro, 2005).

Apesar do baixo custo e da facilidade de encontrar HQ, pais e educadores viam com desconfiança este tipo de leitura para crianças. As bibliotecas também resistiram muito em acatá-las em seu acervo. Diferentemente de outros países, o Brasil favoreceu a criação de gibitecas.

Para os bibliotecários proporcionarem melhor serviço aos leitores de quadrinhos, é importante que conheçam as características e as possibilidades de trabalhar com esse rico meio de comunicação de massa. Assim como conhecer o seu leitor, de modo a realizar de maneira adequada as atividades que envolvam a seleção, coleta, aquisição, tratamento, disseminação e preservação desses materiais (Vergueiro, 2005). O mesmo é recomendável por parte dos professores: conhecer as características das HQ a fim de utilizá-las em sala de aula, de forma que o ensino e a aprendizagem sejam mais efetivos.

Profissionais de diversas áreas têm percebido como os quadrinhos podem ser relevantes no desenvolvimento educacional, afora as vantagens na leitura das crianças. Como o tema tem motivado o desenvolvimento de muitas pesquisas no Brasil, surge naturalmente a pergunta: como as HQ contribuem para o incentivo à leitura na escola e na biblioteca?

O objetivo geral da pesquisa é conhecer como as HQ são utilizadas na promoção e incentivo à leitura na escola e na biblioteca. Os objetivos específicos são: descrever os projetos que incentivam a leitura e identificar a participação do professor e do bibliotecário como mediadores entre este tipo de publicação e a criança.

Algumas razões foram decisivas para a escolha do tema: a escassez de estudos na área de Biblioteconomia;

o fato de as HQ serem uma comunicação de massa de grande destaque entre o público infantil; o interesse das crianças por sua leitura; seu recurso híbrido (palavras e imagens); o alto nível de informação e o fato de as HQ auxiliarem no desenvolvimento da prática da leitura.

Este tipo de "literatura" muito contribui para a formação de leitores competentes, pois sua linguagem (ação narrativa) empolga e satisfaz as crianças, não cansa, como acontece muitas vezes nas leituras obrigatórias e, ao adaptar-se ao seu nível intelectual e ao seu interesse, rompe as barreiras que existem contra a prática de leitura, sendo um eficiente instrumento para despertar o gosto por ela (Fogaça, 2002/2003).

Métodos

Com base na abordagem, a presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois "não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas" (Richardson, 1999, p.79).

O método utilizado é de caráter exploratório e tem, segundo Gil (1999, p.43), "como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores".

O trabalho objetiva identificar projetos em escolas e bibliotecas que utilizam as HQ como incentivo à prática de leitura, qualificando-se como exploratório. Ainda de acordo com Gil (1999, p.43), "pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato".

Em relação aos procedimentos técnicos utilizados, a pesquisa é bibliográfica, sendo, portanto:

[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (Gil, 1999, p.65).

Utilizaram-se livros, periódicos, CD-ROM, DVD, sites, entre outros, para confeccionar a presente pesquisa. Quanto aos livros, na maioria, foram sobre HQ, que abrangem, de forma ampla, o assunto e também sobre sua utilização na educação. Entre os títulos de periódicos

utilizados, constam: revista “Nova Escola”, revista “Pátio”, “Comunicação & Educação”, “Revista do Programa de Educação Corporativa (PEC)”, revista “Psicologia”, “Ciência e Profissão”, “Vozes & Diálogos” e “Data Grama Zero”, entre outras.

Dentre os *sites* mais significativos encontra-se o do professor Oswaldo Francisco de Almeida Júnior <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>; pela coluna “não está no gibi” escrita por Waldomiro Vergueiro, e também o *site* da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), <<http://www.eca.usp.br/gibiusp/noticias.asp>>, que apresenta matérias sobre HQ e gibitecas. Os *sites* UniversoHQ e ImpulsoHQ foram visitados por suas notícias e eventos diversos sobre a área de HQ.

Usou-se, para a pesquisa, o CD-ROM do Congresso de Leitura do Brasil (COLE), pois seus seminários focam assuntos sobre leitura, literatura e comunicação e facilitaram a localização de trabalhos relacionados ao tema quadrinhos.

Os projetos analisados foram selecionados a partir dos objetivos do presente estudo, dando-se preferência aos posteriores a 2000. Cabe informar que, entre os projetos destacados, encontraram-se relatos de experiências, atividades de curto e longo período de tempo.

As histórias em quadrinhos no Brasil

A trajetória histórica dos quadrinhos é bem antiga, como afirma Iannone, L.; Iannone, R. (1994, p.10): “Estudiosos apontam as inscrições que nossos antepassados deixaram nas cavernas, no período pré-histórico, como a origem mais remota das histórias em quadrinhos”. No entanto, as HQ atualmente conhecidas começaram a surgir no final do Século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, expandindo-se, posteriormente, para outros países.

No Brasil, “As aventuras de Nhô Quim” ou “Impressões de uma viagem à corte”, de Ângelo Agostini, são consideradas como a primeira HQ nacional, publicada pela primeira vez em 30 de janeiro de 1869, na revista “Vida Fluminense” do Rio de Janeiro (Alves, 2001). A data de 30 de janeiro é considerada, por este motivo, o Dia do Quadrinho Nacional.

A primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos foi “O Tico Tico”, lançada em 1905; acredita-se que “tenha sido a primeira do mundo a apresentar HQ completas” (Iannone, L.; Iannone, R., 1994, p.48). Além disso, “O Tico Tico” foi “o marco inicial das publicações dedicadas às crianças no Brasil” (Moya, 1994, p.33). Ela trazia contos, textos informativos, curiosidades e *comics*⁴, destinados principalmente às crianças. Os personagens mais destacados da revista eram *Buster Brown* e *Tige*, de Richard F. Outcault, rebatizados, no Brasil, como “Chiquinho” e “Jagunço” (Iannone, L.; Iannone, R., 1994). Marco final da revista foi o ano de 1956.

Em 1929, o jornal paulista “A Gazeta” lança a “Gazeta Infantil”, ou “Gazetinha”, que publicava quadrinhos nacionais e estrangeiros. As histórias do desenhista Belmonte retratavam personagens com características tipicamente brasileiras, e também as aventuras do “Gato Félix”. O suplemento manteve-se em circulação até o ano de 1950.

No Rio de Janeiro, em 1934, foi lançado o “Suplemento Juvenil”, que fazia parte do jornal “A Nação”, publicado pelo editor Adolfo Aizen, que costuma ser apontado como o principal incentivador dos quadrinhos em nosso país (Iannone, L.; Iannone, R., 1994). Ele também fundou a Editora Brasil América Ltda (EBAL), caracterizada por editar somente HQ. Adolfo Aizen, em 1947, publicou o “Herói”, sua primeira revista, a qual, durante muito tempo, foi líder dos quadrinhos brasileiros.

Em 1939, Roberto Marinho, proprietário do jornal “O Globo”, lançou, a revista infantil “Gibi”, que em pouco tempo se tornou muito popular (Iannone, L.; Iannone, R., 1994), passando a ser utilizada para denominar todas as revistas em quadrinhos no Brasil. De acordo com Luyten (1987, p.70), “a palavra gibi, a rigor, significa moleque”.

No ano de 1943, surge “O Amigo da Onça”, charge do cartunista Péricles, nas revistas “O Cruzeiro” e “O Gury”. Ele é considerado uma exceção, porque não se ofuscou diante da invasão dos quadrinhos norte-americanos e, “apesar de não ser um herói de *comic*, representa uma figura característica de uma época da vida nacional” (Iannone, L.; Iannone, R., 1994, p.50).

Em São Paulo, em 1951, realizou-se a I Exposição Internacional das HQ, mostra pioneira em todo o mundo,

⁴ Termo em inglês usado para denominar as histórias em quadrinhos norte-americanas.

levando ao seu reconhecimento como uma forma de manifestação artística (Iannone, L.; Iannone R., 1994).

Na década de 1960, aparece um personagem que foi um marco na produção dos quadrinhos nacionais, "O Pererê", de Ziraldo, que teve a capacidade de aglutinar toda uma tradição brasileira, resgatando temas do cotidiano e do folclore. Sua figura central é o "Saci", personagem típico do folclore nacional (Luyten, 1987). Todavia, foi Maurício de Souza quem "conseguiu, realmente, o que nenhum dos outros desenhistas nacionais sequer poderia sonhar: êxito no Brasil e fama mundial" (Luyten, 1987, p.78). Ele também foi o único artista brasileiro a receber, em 1971, o prêmio *Yellow Kid*, o Oscar das HQ (Iannone, L.; Iannone, R., 1994). Ziraldo e Maurício de Souza são os dois quadrinhistas brasileiros de maior evidência entre o público infantil, com destaque no mercado nacional e internacional, recebendo prêmios importantes e revelando HQ verdadeiramente brasileiras.

Características da linguagem dos quadrinhos

Os quadrinhos, segundo Moya (1977, p.110) "são um conjunto e uma sequência". São compostos por quadros que combinam dois meios de comunicação diferentes: o desenho e o texto. Sua principal unidade narrativa é o próprio quadrinho, também denominado de vinheta. No mundo ocidental, a sucessão de vinhetas é organizada do alto para baixo e da esquerda para a direita, diferente dos países asiáticos, em que essa representação ocorre da direita para a esquerda, como nos mangás⁵ (Vergueiro, 2006a).

O formato mais comum dos quadrinhos é o retângulo, mas, atualmente, as HQ publicadas em revistas, principalmente as de super-heróis, utilizam quadrinhos com formatos bastante arrojados. A forma clássica dos quadrinhos é aquela que deu origem aos *comics*: a tira diária (Iannone, L.; Iannone R., 1994). No início, costumavam ter os mesmos formatos, mas logo começaram a se diversificar. Artistas como Winsor McCay e Alex Raymond ficaram reconhecidos justamente por esta plasticidade que caracterizava o trabalho de ambos (Vergueiro, 2006a).

As HQ também podem ser publicadas em diversos veículos e formatos, características que afetam tanto sua

forma como seu conteúdo. Vergueiro (2005) destaca os seguintes: gibis - normalmente destinados ao público infantil e juvenil, com baixo preço e pouca durabilidade; álbuns e edições encadernadas - publicados em edições únicas, com um custo mais alto; *Graphic novels*, maxi e minisséries - semelhantes aos álbuns e às edições encadernadas, que buscam dar um tratamento diferenciado aos personagens; quadrinhos em jornais - o berço das HQ, que continuam até os dias atuais; fanzines - feitas por aficionados, colecionadores ou artistas iniciantes; publicações variadas - quadrinhos usados em publicidade, propaganda política, livros didáticos, entre outros. Todas essas variações de publicação podem ser encontradas em diferentes ambientes e se destinam a um público bastante diversificado.

No que se refere aos personagens, a maioria das HQ costuma ter um protagonista fixo, constituindo uma "série". A representação gráfica dos personagens, segundo Vergueiro (2006a, p.52), "[...] vai obedecer ao estilo dos quadrinhos. Histórias cômicas tendem a ter personagens caricatos, histórias de aventuras costumam utilizar-se de uma representação realista dos personagens".

Nas HQ, há vários planos e ângulos de visão que representam a forma como uma determinada imagem é representada, assim como ocorre na pintura, na fotografia e no cinema. Os quadrinhos utilizam a denominação utilizada no cinema. As HQ também sempre refletiram tendências das artes plásticas; várias delas apresentam estilos das principais escolas artísticas (Alencar; Serpa, 1998).

De acordo com Iannone, L.; Iannone, R. (1994), com relação aos elementos que os compõem, o balão é um recurso peculiar, contendo textos ou imagens. Seu início, segundo Vergueiro (2006b, p.56), se deu "[...] no final do Século XIX, em uma história do personagem *Yellow Kid*.

A legenda nas HQ representa a voz onisciente do narrador. Suas funções mais comuns relacionam-se com o início da história e com a ligação entre um quadro e outro. Outro destaque dos quadrinhos são as onomatopéias, signos convencionais que retratam um som por meio de caracteres alfabéticos. Elas variam de um país a outro de acordo com o idioma. São geralmente grafadas em caracteres grandes, perto do local em que ocorre o som, independentemente dos balões (Vergueiro, 2006a).

⁵ Histórias em quadrinhos japonesas, que a partir do ano de 1982 tornaram-se conhecidas em todo mundo com o sucesso do super-herói Akira (Alencar; Serpa, 1998).

Quadrinhos promovendo a leitura

A leitura deve ser inserida, desde muito cedo, na vida das crianças, uma vez que ler, segundo Carvalho e Oliveira (2004), é uma prática social, na qual se incluem o autor e o leitor, além de ser uma atividade que diz respeito a um processo discursivo. Ainda segundo a mesma autora, para que uma criança aprenda a ler, ela precisa desenvolver o conhecimento sobre a língua, o mundo e o gênero discursivo. A prática da leitura acontece de forma mais efetiva quando é motivada pela necessidade e pelo prazer.

A utilização dos quadrinhos pode ser de grande importância para iniciar a criança no caminho que leva à consolidação da prática e do prazer de ler. Azis Abrahão “considera que a História em Quadrinhos, denominada por ele *literatura em quadrinhos*, agrada as crianças, uma vez que atende a sua necessidade de crescimento mental” (Santos, 2001, p.47).

A linguagem e os elementos dos quadrinhos, quando bem utilizados, podem ser aliados do ensino. A união do texto com a imagem facilita a compreensão dos conceitos que ficariam abstratos se relacionados unicamente com as palavras (Santos, 2001). A maioria das HQ caracteriza-se por apresentar o improvável, a surpresa. Sua sedução está no fato de que correspondem às necessidades e interesses naturais das crianças, incluindo os jogos e a brincadeira (Fogaça, 2002/2003).

As HQ também afetam a educação de seus leitores. De acordo com Alves (2001, p. 6):

Reproduzindo contextos e valores culturais, as histórias em quadrinhos oferecem oportunidades para as crianças ampliarem seus conhecimentos sobre o mundo social. Porém, seja pelos assuntos veiculados, seja pela forma como os temas são tratados, as histórias em quadrinhos foram alvo de muitas críticas e, lê-las dentro das escolas, foi por muito tempo considerada uma atividade clandestina e sujeita a punições.

Ainda que as HQ tenham sido rejeitadas por pais, professores e bibliotecários num determinado momento, seus benefícios são hoje evidentes. Neste sentido, segundo Vergueiro (2006b, p.21), “no Brasil [...] o emprego das histórias em quadrinhos já é reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)”.

Desta forma, fica demonstrada a importância da utilização das HQ na infância, tanto para o ensino, como para o desenvolvimento da prática da leitura. Assim se expressa Alves (2001, p.7):

A leitura de histórias em quadrinhos pode contribuir para a formação do gosto pela leitura porque ao ler histórias em quadrinhos a criança envolve-se numa atividade solitária e não movimentada por determinado período de tempo, que são características pouco frequentes nas atividades de crianças pré-escolares ou no início da escolarização. Também porque, estando mais próximas da forma de raciocinar destas crianças, elas podem mais facilmente lê-las, no sentido de retirar delas significados, o que seria menos provável com outros tipos de leitura. Além disso, pode-se esperar que uma criança para quem a leitura tenha se tornado uma atividade espontânea e divertida, esteja mais motivada a explorar outros tipos de textos (com poucas ilustrações), do que uma criança para quem esta atividade tenha sido imposta e se tornado enfadonha.

As HQ apresentam uma grande facilidade para que as crianças, em fase de alfabetização e início de escolarização, se interessem pela leitura e com ela se estimulem. Para a formação de leitores, é importante que se tenha contato com diferentes objetos de leitura e que estes tenham conteúdos de qualidade, capacitando gradativamente o pequeno leitor para exercer leituras mais complexas.

Projetos que utilizam as HQ como incentivo à leitura

Foram pesquisados diversos projetos que utilizam os quadrinhos para promover e incentivar a leitura. O levantamento ocorreu em diversos periódicos impressos e *online*, em anais e outros documentos. Vinte, no total. Dentre eles, oito foram selecionados de acordo com os critérios descritos na metodologia e os objetivos do presente estudo. Foram organizados por letra do alfabeto, seguidos do título e de notas que indicam as respectivas referências no final do artigo. Os projetos são expostos da seguinte maneira: os primeiros cinco projetos - de A a E - ocorrem mais especificamente em sala de aula, utilizando as HQ em diversas atividades didáticas; os projetos F e G descrevem a criação de gibitecas, desenvolvidas

por professores; o projeto H também relata a criação de uma gibiteca, mas dentro de uma biblioteca popular, resultado da iniciativa de uma bibliotecária. A seguir, serão descritos de forma concisa os oito projetos.

A) Aulas que estão no gibi (Pellegini, 2000)

Cyntia Nagy, professora do Colégio Mopyotã, na capital paulista, usou o gibi, material preferido de seus alunos da pré-escola, para animar suas aulas de Português e Educação Artística. Ela começou com o material disponível em sala. Os gibis sempre estavam à disposição dos 22 alunos. Quem não sabia ler, escutava as histórias contadas por ela e pelos sete colegas já alfabetizados.

Um dos primeiros itens investigados pelos alunos foram os balões. A seguir, os personagens desconhecidos, que, por fazerem parte das histórias e constarem das tiras de jornais, pertenciam à rotina das aulas. Na hora de escolher personagens para tais histórias, a turma ficou com os de Maurício de Souza.

Como resultado, constatou-se grande influência na alfabetização da turma; no final do ano letivo, apenas dois alunos não estavam alfabetizados.

B) Semeando o prazer de ler com as histórias em quadrinhos (Toledo, 2007)

Este é um projeto vencedor do Prêmio Professores do Brasil, dado pelas fundações Orsa e Bunge, que teve o apoio do Ministério da Educação. Foi realizado pelo professor Marcelo Campos, da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) - Sonho de Criança -, em Pompeia, no interior de São Paulo.

Ele fez uma pesquisa e descobriu que 70% das crianças não vivenciavam situações de leitura em casa. Por isto, resolveu apostar nas HQ, iniciando o trabalho com classes de crianças de quatro e cinco anos. Como a escola não tinha as revistas de HQ, ele mobilizou a comunidade para montar uma gibiteca, que em pouco tempo já contava com cerca de 300 gibis.

O projeto tinha como objetivos estimular nas crianças o prazer de ler antes da alfabetização; aproximar a escola e a comunidade por meio da leitura e formar leitores competentes. Para finalizar o trabalho, o professor

organizou uma gibiteca itinerante, que se transformou no Trenzinho da Leitura. Seu objetivo: disseminar o prazer de ler.

O resultado foi animador: os alunos, antes mesmo de estarem alfabetizados, procuravam espontaneamente os gibis, fato que tornou evidente o quanto as HQ são uma excelente opção para incentivar a leitura em quem está sendo iniciado no mundo das letras.

C) Março - mês das histórias em quadrinhos (Carneiro, 2000)

O projeto é um relato de experiência da professora Maria Carolina Carneiro, que percebeu que as crianças não se interessavam pela leitura e ainda não tinham descoberto o prazer de ler, uma vez que só liam o necessário para fazer as tarefas.

A partir daquele momento, tentou descobrir como a leitura aparecia de forma espontânea na vida destas crianças. Percebendo que muitas colecionavam revistas em quadrinhos, propôs um projeto que utilizassem essas revistas com os seguintes objetivos: organizar, na sala de aula, um acervo de revistas em quadrinhos e dedicar um tempo para trocar ideias sobre as histórias lidas. O projeto chamou-se Março - mês das histórias em quadrinhos, por ter sido iniciado naquele mês.

Após a inauguração da Biblioteca de Revistas em Quadrinhos (RQ), foram desenvolvidas atividades com as crianças para entenderem melhor as histórias lidas e a organização da biblioteca.

Como resultado, constatou-se que as crianças realmente descobriram o prazer da leitura, além de ganhos relacionados à escrita, a regras de pontuação e, sobretudo, ao desenvolvimento da postura investigativa.

D) A utilização das HQs em sala de aula como recurso didático-criativo (Mariano, 2008)

A professora Joana D'Arc, da escola estadual Professor Antonio José Peres Marques, na cidade de Mogi Mirim, trabalhou com turmas de 6ª série, cujas maiores dificuldades, após a avaliação estadual de rendimento escolar, Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar de

São Paulo (SARESP), foram questões relacionadas à interpretação das HQ contidas na prova.

O objetivo inicial foi expor aos alunos o tipo de texto de HQ. Entretanto, delinear-se novos objetivos, como: refletir sobre a importância da leitura de imagens na escola contemporânea, em especial as HQ, que pouco adentram na escola, pois esta ainda é considerada um reduto da palavra escrita.

A professora quis analisar se a leitura de HQ auxilia, atrapalha ou não influencia a consolidação do hábito de leitura. Os resultados com os alunos durante a confecção das suas próprias HQ foram considerados ótimos, pois eles utilizaram diversos recursos gráficos, onomatopeias e linguagem quadrinhística. Também foi possível perceber que os alunos levaram muito mais livros emprestados durante o ano, chegando à conclusão de que as HQ incentivam a leitura, além de melhorarem a produção escrita.

Outra parte da pesquisa foi feita entrevistando 20 dos 27 professores de diferentes disciplinas do Ensino Fundamental. Foram-lhes apresentadas nove revistas em quadrinhos de vários estilos. Cumpre elucidar que não tinham muita consciência de quanto as HQ sejam importantes como fontes de informação, devendo-se admitir que alguns ainda têm preconceito em utilizá-las.

E) Na escola com as histórias em quadrinhos (Inácio, 2003)

O projeto é um relato de experiência desenvolvido pela professora Cleoni Fanelli Inácio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental "Lizete Paulino Teixeira", de Franca, São Paulo. Realizado durante um período de dois meses, foi iniciado com o cantinho da leitura, no qual, diariamente, as crianças se dedicavam a ler gibis.

Várias atividades foram realizadas; entre elas, a análise da fala de alguns personagens. Com isso, propôs-se um debate a respeito da fala culta, sua aplicabilidade e o papel da escola no desenvolvimento dessa linguagem. Os alunos também saíram às ruas para fazer uma enquete sobre a opinião das pessoas a respeito das HQ. Em síntese, alunos e professora fizeram uma escrita espontânea, momento em que cada um pôde relatar a experiência vivida em todas as atividades.

F) Gibiteca, biblioteca do gibi (Catonio; Cruz, 2008)

É um projeto de extensão universitária, que conta com a participação de dez acadêmicos estagiários dos cursos de Letras, Pedagogia e Ciências Contábeis da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). O local funciona, desde 1995, em Campo Grande (MS) O coordenador do projeto é o psicólogo Ronilço Cruz de Oliveira.

O principal objetivo do projeto é incentivar a leitura e a escrita de crianças e adolescentes, despertando-lhes o interesse pela leitura por meio dos quadrinhos. Os objetivos específicos são estimular a produção de textos; proporcionar acesso ao texto em quadrinho como mais um meio de aprendizagem; desenvolver habilidades de expressão oral e escrita; reconhecer conteúdos didáticos nos gibis; favorecer a identificação dos conteúdos semânticos da linguagem dos quadrinhos e oferecer oficinas diversas (pinturas, desenhos, redação, acompanhamento escolar etc.) às crianças, aos acadêmicos estagiários e à comunidade.

A proposta do trabalho é promover a leitura crítica do gibi como meio de investigação, interpretação e intervenção. A gibiteca é um espaço alternativo de lazer, no qual são realizados diferentes tipos de eventos (culturais, educacionais ou artísticos). Há também, no espaço da gibiteca, uma biblioteca com os mais variados livros.

Nas atividades desenvolvidas com as crianças na gibiteca, discutem-se os mais diversos conflitos sociais, além de analisar o certo e o errado, o real e o imaginário, trazendo para nossa realidade situações de quadrinho. Neste sentido, a inclusão das HQ no contexto escolar é crucial para despertar a leitura. Ressalta-se que os educadores encontram nelas outras maneiras de incentivar a leitura, criando um espaço alternativo e criativo nas escolas.

G) Projeto gibiteca escolar (Nogueira, 2007; 2008)

A professora Natania Nogueira desenvolveu, na Escola Municipal Judith Guedes Machado, na periferia da cidade de Leopoldina (MG), algumas experiências usando os quadrinhos como uma forma de expressão do aluno, desafiando-o a exercitar sua capacidade criativa e a criar o próprio conhecimento.

Com os bons resultados obtidos, motivou-se a criar uma gibiteca, um espaço exclusivo, a fim de armazenar e manusear as HQ. A criação da gibiteca foi, antes de tudo, uma forma diferente de oferecer a alunos e professores um espaço em que pudessem crescer juntos.

Os objetivos do projeto eram criar um espaço de aprendizagem para professores e alunos; formar leitores críticos e criativos, e promover atividades por meio das quais pudessem descobrir habilidades e desenvolver competências.

Inicialmente, a gibiteca surgiu com a doação parcial da coleção da professora Natania (aproximadamente seiscentos exemplares de HQ); posteriormente, com a realização de uma campanha, passaram a aproximadamente 1 200 exemplares, contando-se os doados. Segundo levantamento realizado no final de fevereiro de 2008, a gibiteca contava com um acervo de 2 620 exemplares.

Para mostrar a funcionalidade do projeto, organizou-se o I Seminário sobre Quadrinhos, Leitura e Ensino, dia 18 de maio de 2007, que contou com a participação de alguns professores, entre eles Waldomiro Vergueiro. No dia 6 de junho de 2008, aconteceu o segundo seminário, voltado ao ensino de ciências, mediante os quadrinhos.

Para o êxito do projeto, a internet foi uma ferramenta muito importante: construiu-se um *blog* <<http://www.gibiteca.com.blogspot.com/>>, com a finalidade de divulgar os trabalhos realizados na gibiteca. Nele são registradas as experiências realizadas pelos professores, bem como as atividades promovidas pela gibiteca e disponibilizados textos sobre HQ, além de possibilitar a troca de experiências e informações.

Entretanto, na visita à Biblioteca Popular de Olaria e Ramos, a realidade percebida foi bem diferente: havia realmente uma gibiteca, em que as revistas de HQ recebiam tratamento técnico e organização diferenciada no acervo. Esta realidade diferenciada se devia, principalmente, ao desempenho da bibliotecária Regina Gaglianone que, ao verificar o pouco uso da coleção infantil da biblioteca, investiu nos quadrinhos, por serem muito atraentes para as crianças.

Esta iniciativa resultou no Projeto da Gibiteca Leitura Prazer; o objetivo inicial era incentivar a leitura na seção infantil. Devido a isso, a bibliotecária utilizou do marketing bibliotecário para divulgar o projeto, promovendo um evento para reunir toda a comunidade. As doações por pessoa foram de muitos exemplares e não apenas dois, como solicitado.

Adultos e crianças envolveram-se, incentivando a iniciativa com doações. O projeto superou as expectativas de trinta exemplares emprestados para setecentos exemplares na estatística da biblioteca.

Ademais, criou-se um concurso pelo qual a biblioteca, periodicamente, lança um tema: os melhores desenhos farão parte de uma revista em quadrinhos. Os estudantes participam voluntariamente na confecção da arte e dos textos, contando com a ajuda de professores. Com isso, a biblioteca se integra ao processo pedagógico e participa de uma proposta de aprendizado interdisciplinar.

O projeto passou a ter apoio oficial da prefeitura e a bibliotecária levou a gibiteca também a outros municípios.

As histórias em quadrinhos na formação de leitores

Na análise dos projetos foram identificadas as seguintes categorias: a) os bibliotecários e as histórias em quadrinhos; b) a participação dos bibliotecários nas gibitecas; c) as histórias em quadrinhos na escola; d) o bibliotecário e o professor como mediadores da leitura.

Os projetos evidenciaram a importância das HQ como incentivo à leitura, da mesma forma que para auxiliar no ensino. São diversas as formas de utilização dos quadrinhos, tanto em sala de aula, com o apoio e a orien-

tação dos professores, quanto em bibliotecas - gibitecas - com a presença e a assistência dos bibliotecários.

Os bibliotecários e as histórias em quadrinhos

Durante um determinado período histórico, os bibliotecários resistiram às HQ, assim como a maioria da sociedade. Esta resistência, no entanto, diminuiu à medida que a sociedade passou a vê-las como mais um tipo de publicação, com linguagens e ilustrações diferenciadas, destinadas ao público infantil e juvenil. As barreiras com as HQ, porém, não desapareceram automaticamente nem foram automaticamente aceitas como alternativa de leitura e informação. Ainda hoje não é possível afirmar que as HQ podem ser facilmente encontradas nas bibliotecas brasileiras (Vergueiro, 2003b).

A presença dos quadrinhos nas bibliotecas também não garante sua utilização pelos usuários. São necessários planejamento e tratamento adequados. É neste momento que o bibliotecário pode fazer a diferença. Segundo Oliveira (2005, p.41):

Para se ter um retorno junto ao usuário é necessário que o profissional da informação seja dinâmico e criativo, a dinamização das coleções represente a ação do bibliotecário que deseja exercer sua função social de transformar informação em conhecimento, ou seja, fazer a diferença em benefício de toda a comunidade.

Todavia, algumas bibliotecas que inserem as HQ ao seu acervo não têm este planejamento, nem o bibliotecário esta atitude diferenciada. Tal situação vem aos poucos se modificando, embora o número atual de bibliotecas que considera as HQ como materiais que merecem atenção especial, a fim de possibilitar aos usuários usufruírem todos os seus benefícios, ainda seja bem menor do que o necessário para provocar uma transformação em termos de mudança de postura (Vergueiro, 2003b).

A necessidade de mudança de postura do bibliotecário em relação às HQ pôde ser percebida no levantamento dos projetos arrolados neste estudo. Dentre os vinte encontrados e dos oito selecionados, apenas um o Projeto H - Gibiteca Leitura Prazer conta com a participação deste profissional como promotor das HQ no incentivo à leitura.

A participação dos bibliotecários nas gibitecas

Para tentar compreender a participação dos bibliotecários nas gibitecas, é preciso identificá-las e mostrar o seu surgimento no Brasil. Para Vergueiro (2005), as bibliotecas públicas especialmente dedicadas à coleta, armazenamento e disseminação de HQ são instituições genuinamente brasileiras, existindo desde o início da década de 1980, quando uma instituição pública de Curitiba decidiu fundar a primeira unidade desse tipo, batizada com o nome de gibiteca, mesclando a forma como as HQ são chamadas no Brasil (gibis), com as unidades de informação (bibliotecas).

A primeira gibiteca brasileira a surgir dentro de um serviço de uma biblioteca pública foi a Gibiteca Henfil, órgão do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria de Cultura do município de São Paulo. Inaugurada em 1991, conta hoje com o maior acervo do País (100 mil exemplares).

Entre os oito projetos selecionados na pesquisa, cinco descrevem a criação e organização de gibitecas. Esses são ambientes muito importantes, pois as crianças gostam dos quadrinhos por terem elementos muito atraíntivos e que despertam interesse; além disso, "deve-se dar a liberdade para a criança escolher aquilo que quer ler, jamais ser imposto. A criança gosta de ler o gibi porque pensa que é uma brincadeira, um jogo" [...] (Catonio; Cruz, 2008, p.729).

Sente-se falta do bibliotecário, presente na escola, para interagir com o professor, desempenhando seu papel social de incentivador da leitura e capaz de contribuir para a formação de leitores. "Se o bibliotecário pretende assumir a posição de agente disseminador da leitura [...], precisa gostar de ler, tem de ler e deve incentivar a leitura" (Araújo, 2007, p. 31).

As gibitecas, como setores especiais de bibliotecas públicas ou escolares, dirigidas por profissionais capacitados, representam uma necessidade e uma tendência crescente, indicando uma tomada de consciência de que tais profissionais podem possibilitar uma elevação no nível de serviço prestado aos leitores de quadrinhos (Vergueiro, 2003a).

O projeto F - Gibiteca, Biblioteca do Gibi, faz parte de um projeto de extensão universitária da UCDB. É, com certeza, um dos poucos do País, pois os quadrinhos nunca

foram muito aceitos pelas universidades brasileiras por sua presumida falta de importância como objeto de estudo científico, embora o País tenha sido o primeiro a introduzir uma disciplina específica sobre o tema, em um curso de graduação, na Universidade de Brasília, na década de 1970, e a organizar um curso de especialização exclusivamente sobre esse assunto na Universidade de São Paulo, nos anos 90. A assinalar, também, o Observatório de História em Quadrinhos da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), que desenvolve constantes eventos e cursos sobre HQ e conta com um vasto acervo especializado na área (Vergueiro, 2003b).

Pode-se verificar que na maioria dos projetos que envolviam a criação de gibitecas faltava a participação de bibliotecários. Para Vergueiro (2003a), alguns possivelmente não tratam uma gibiteca como um organismo dinâmico e atuante, mas como um simples acervo de revistas em quadrinhos que repousa nas estantes, sem a utilização merecida.

Existem, entretanto, bons exemplos de gibitecas dirigidas por bibliotecários, como o projeto H - Gibiteca Leitura Prazer, desenvolvido por uma bibliotecária. As revistas de HQ do projeto recebem tratamento técnico e organização diferenciada no acervo. Muitos bibliotecários brasileiros estão, aos poucos, descobrindo que, para proporcionar melhor serviço aos aficionados por quadrinhos, não basta apenas munir-se de boas intenções e afastar todos os preconceitos que, porventura, ainda cultivem sobre o meio (Vergueiro, 2003a). É preciso disseminar e divulgar este meio na sua comunidade da forma mais eficiente possível.

As histórias em quadrinhos na escola

As HQ podem ser utilizadas de diversas maneiras no ambiente escolar, como um valioso recurso de incentivo à leitura e um eficiente auxiliar no ensino em diversas disciplinas e atividades. Os projetos encontrados no presente estudo foram desenvolvidos, em sua maioria, no ambiente escolar. Nogueira (2007, p.175) escreve:

As HQ são capazes de promover a interdisciplinaridade entre os diversos conteúdos curriculares, ajudam a promover a prática da leitura, o teatro e a música, além de serem muito impor-

tantes no processo de alfabetização. Os alunos aprendem que estudar pode ser divertido e se tornam mais receptivos aos diversos conteúdos.

Os quadrinhos podem realmente suscitar um maior interesse das crianças pela leitura, pois eles são excelentes instrumentos no processo educativo, entendendo-se que educar não é apenas transmitir conhecimentos de português, matemática etc., por meio de regras pré-estabelecidas, e sim possibilitar as relações cognitivas e a construção do conhecimento que as HQ oferecem sobre o prazer da leitura (Oliveira, 2005).

Um conhecimento prévio das características e das qualidades dos quadrinhos é essencial para a elaboração de atividades didáticas e de incentivo à leitura, pois, de acordo com Luyten (1984, p.84):

No momento em que pais e pedagogos considerarem as histórias em quadrinhos como seus aliados, isso virá a possibilitar um número ilimitado de práticas a seu serviço. Os quadrinhos podem, de um lado, despertar manifestações artísticas e, de outro, ser um poderoso auxiliar em sala de aula e comunidades.

O projeto G - Gibiteca Escolar, por exemplo, trabalha de forma positiva a autoestima de professores e alunos, mostrando que mesmo escolas com poucos recursos podem oferecer grandes oportunidades. Lá, alunos e professores têm acesso a um acervo diversificado de HQ e podem usá-lo para leitura durante os horários de funcionamento da escola.

É fundamental que os educadores interajam com o acervo existente na escola e conheçam o tipo de material que os seus alunos gostam de ler, pois, desta forma, ficam mais próximos da realidade das crianças e percebem os benefícios de utilizar as HQ.

Bibliotecário e professor: mediadores da leitura

Sabe-se que a leitura, por questões educacionais ou culturais, não é uma prática constante em nosso país, nem todos os profissionais se empenham em modificar esta realidade. Bibliotecários e professores fazem uso de diferentes recursos para despertar no leitor em potencial o interesse e gosto por ela, sabendo que:

As histórias em quadrinhos proporcionam aos alunos maior desejo de escrever e produzir incentivados pelo imaginário, pela criatividade que

se adquire por meio delas. É interessante [...] transformar seus alunos em crianças críticas, questionadoras, formadoras de opinião, saber escolher cuidadosamente histórias que despertarão essas qualidades (Catonio; Cruz, 2008, p. 726).

Foi com essa preocupação que, por intermédio do projeto D - A Utilização das HQ em Sala de Aula como Recurso Didático-criativo -, a professora Joana D'Arc, além de desenvolver atividades com os alunos utilizando HQ, fez uma interessante pesquisa com os outros professores da escola e buscou saber qual é a formação inicial dos docentes de diferentes áreas, no que se refere ao trabalho com imagens, o que pensam sobre elas e como agem quando se deparam com uma HQ ou com uma charge em seu trabalho em sala de aula.

A professora entrevistou 20 dos 27 professores do Ensino Fundamental. Resultado: a maioria dos professores rejeitava qualquer meio de expressão que fala sobre violência, argumentando que o mundo já é violento demais, tema esse encontrado em alguns *comics* e mangás. Alguns, excepcionalmente, acreditam que as histórias de violência devem ser trabalhadas em ambiente escolar e discutidas abertamente. No entanto, a maioria deles disse que trabalharia tranquilamente com histórias da Turma da Mônica.

A professora percebeu, entretanto, que faltava aos professores esclarecimento sobre a importância das HQ como fonte de informação, e que alguns ainda têm preconceito em utilizá-las. Isso não acontece exclusivamente com os professores. Há bibliotecários que também desconhecem os benefícios das HQ. O limite do uso dos quadrinhos, segundo citação de Nogueira (2007), está no limite da criatividade do professor. Pode-se dizer, também, que está no limite da criatividade do bibliotecário.

Para fazer a seleção do material utilizado em sala de aula, considerando a variedade de publicações de HQ no mercado, devem-se levar em conta os objetivos educacionais que se desejam alcançar, identificando os materiais mais adequados com relação à temática, à linguagem utilizada e à idade das crianças (Vergueiro, 2006b). Lembra-se que é decisivo não afunilar demais na escolha dos materiais, pois, muitas vezes, uma HQ que parecia insignificante pode suscitar importantes debates e despertar a consciência crítica das crianças.

Verdolini (2007, p.26), por exemplo, destaca que:

"[...] hoje já existem diversos livros que abordam os benefícios dos quadrinhos para a aprendizagem da leitura e para o desenvolvimento do gosto por ela, incluindo-os no *hall* de literatura que merece ser lida e admirada".

No projeto H - Gibiteca Leitura Prazer da Biblioteca Popular de Olaria e Ramos do Rio de Janeiro, as revistas de HQ recebem tratamento técnico e organização diferenciada no acervo, realidade que se deve, principalmente, ao desempenho da bibliotecária. Ao constatar o pouco uso da coleção infantil da biblioteca, ela resolveu investir nos quadrinhos, por serem muito atrativos para as crianças.

Mediante um concurso de HQ em parceria entre a gibiteca com escolas da comunidade, os estudantes participam da confecção de desenhos e textos com a ajuda dos professores. Com isso, a biblioteca se integra ao processo pedagógico e participa de uma proposta de aprendizado interdisciplinar, permitindo modificar a situação atual, idade em que muitas crianças e jovens leem pouco e geralmente não entendem o que estão lendo. A leitura de HQ ajuda o aluno/leitor a compreender melhor os conceitos abstratos com os quais tem que lidar na sala de aula (Nogueira, 2007).

Para os bibliotecários que atuam na documentação e fornecimento de informação na área, seja em gibitecas, bibliotecas públicas ou escolares, que possuem acervos de HQ, a compreensão das peculiaridades dos leitores de quadrinhos é vital para o estabelecimento de serviços em condições de atendê-los com eficiência, garantindo a satisfação de suas necessidades de informação (Vergueiro, 2003c).

Um dos fatores necessários a um aumento expressivo de leitores em um país é que "deve haver escolas que saibam formar leitores, valendo-se de mediadores bem formados (professores, bibliotecários) e de múltiplas estratégias e recursos para alcançar essa finalidade" (Brasil, 2008, p.19). Este contexto da leitura está estreitamente associado à questão da competência em informação, que está no cerne do aprendizado ao longo da vida.

Desta forma, um trabalho interdisciplinar entre professores e bibliotecários pode gerar resultados com muito mais qualidade. Entretanto, é fundamental para o leitor iniciante poder contar com pessoas realmente capazes de lhe impulsionar o interesse pela leitura, ampliando sua visão para um mundo novo prestes a ser revelado.

Considerações Finais

Desde o surgimento das HQ como uma das expressões de comunicação de massa no final do Século XIX, elas já passaram por grandes transformações. Inicialmente, eram publicadas em jornais; em seguida, vieram os primeiros suplementos e as primeiras revistas e, aos poucos, apareceram as características hoje comuns a todos os quadrinhos, como os balões e as onomatopeias. Com o sucesso de alguns personagens, as HQ tornaram-se mundialmente conhecidas, conquistando crianças, jovens e adultos.

Os quadrinhos enfrentaram grande preconceito por parte da sociedade. Temia-se que pudessem distorcer o caráter dos jovens. Proibia-se sua leitura na escola e sua entrada nas bibliotecas. Ao longo dos anos, eles foram rompendo estas e outras barreiras e a sociedade passou a percebê-los como um recurso de entretenimento principalmente voltado ao público infantil; considerados inofensivos, por outro lado não se via neles muita utilidade didática, contrariando a opinião de estudiosos que, já na década de 1970, os encaravam como um valioso recurso para incentivar a leitura e a ser utilizado no ensino.

No Brasil, a criação das gibitecas foi algo que ajudou a reconhecer a importância das HQ como fonte de informação rica em conteúdo, que abrange diversas áreas, justamente por apresentar, simultaneamente, imagens e textos que unem artes plásticas, linguística, comunicação, entre outras, num mesmo suporte físico.

Nos projetos analisados, ocorridos em diferentes partes do País, pôde-se perceber quão complexas são as características de linguagem e de conteúdo dos quadrinhos. Há quem utilize as HQ para promover e incentivar a leitura, como em turmas de pré-escola, ajudando na alfabetização das crianças, as quais, por meio das imagens e da linguagem dos balões - que é mais parecida com a linguagem falada -, compreendem melhor a escrita e, conseqüentemente, aprendem a ler com mais facilidade.

Constatou-se também que, por apresentarem uma ampla diversidade de estilos e de tipos de leitor, as HQ devem ser muito bem organizadas e disseminadas dentro das bibliotecas e gibitecas por capacitados profissionais da informação. O leitor de quadrinhos tem necessidades peculiares. Se for recebido e orientado por um bibliotecário que possua conhecimentos básicos sobre esse tipo de informação, conseguirá satisfazer a sua necessidade de ler as HQ, mas se sentirá, provavelmente, também estimulado a fazer outros tipos de leitura.

Apesar de se ter notado que os quadrinhos podem ser um recurso de qualidade na escola e na biblioteca, é decisivo dizer que não devem ser utilizados de forma isolada. Alguns projetos mostram que podem ser empregados juntamente com o teatro, a música, as artes em geral, resultando em atividades mais bem-elaboradas, gerando resultados promissores.

Mesmo que a maioria dos projetos analisados não tenha os bibliotecários como mediadores dos quadrinhos, não se deve generalizar este fato. Questões importantes sobre os quadrinhos não só foram percebidas pelos profissionais, como também se deram conta de sua importância e até de sua imprescindibilidade na tarefa de continuar despertando no leitor as possibilidades oferecidas por esse gênero. É fonte de informação que merece atenção e tratamento especiais, pois incentiva a leitura; é muito abrangente e possui conteúdos diversificados.

Os bibliotecários têm subsídios para não só organizar e disseminar os quadrinhos, mas também para realizar atividades de incentivo à leitura com as crianças, além de envolver a comunidade. Ressalta-se que, quando se conhece o material disponível, seja de que tipo for, resultados mais positivos podem ser alcançados, e melhor ainda quando acontecem em parceria. Assim, as HQ podem ser, de forma divertida, um estímulo à leitura, enquanto as crianças, sem perceber, tornam-se leitoras.

Referências

ALENCAR, M.; SERPA, D. As boas lições que aparecem nos gibis. *Revista Nova Escola*, v.13, n.111, p.10-19, 1998.

ALVES, J.M. Histórias em quadrinhos e educação infantil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.21, n.3, 2001. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br>>. Acesso em: 12 abr. 2008.

ARAÚJO, P.C. *O bibliotecário e a formação de leitores*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

- BRASIL. Ministério da Educação e Ministério da Cultura. *PNLL: plano nacional do livro e leitura*. 2008. Disponível em: <http://189.14.105.211/conteudo/pnll_download.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2008.
- CARNEIRO, M.C. A história em quadrinhos como atividade pedagógica para a ampliação da leitura. *Pátio: Revista Pedagógica*, v.3, n.12, p.34-36, 2000.
- CARVALHO, A.C.; OLIVEIRA, M.P. Os quadrinhos e uma proposta de ensino de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., Porto Alegre, 2004. *Anais...* Disponível em: <reposcom.portcom.intercom.org.br>. Acesso em: 16 abr. 2008.
- CATONIO, A.C.D.R.; CRUZ, R.O. *Gibiteca, biblioteca do gibi*. 2008. p.724-730. Disponível em: <www.pr5.ufrj.br/cd_iberobiblioteca_pdf/educacao>. Acesso em: 28 ago. 2008.
- FOGAÇA, A.G.A. A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes. *Revista do Programa de Educação Corporativa*, v.3, n.1, p.121-131. 2002/2003. Disponível em: <<http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2008.
- GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- IANNONE, L.R.; IANNONE, R.A. *O mundo das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.
- INÁCIO, C.F. Na escola com as histórias em quadrinhos. *Comunicação & Educação*, v.9, n.26, p.101-104, 2003.
- LUYTEN, S.M.B. *O que é história em quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LUYTEN, S.M.B. *Histórias em quadrinhos: leitura crítica*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MARIANO, J.D.A. *A utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula como recurso didático-criativo*. 2008. Disponível em: <<http://www.alb.com.br>>. Acesso em: 4 jun. 2008.
- MOYA, A. *Shazam!* 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MOYA, A. *História da história em quadrinhos*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- NOGUEIRA, N.A.S. Gibiteca: ensino, criatividade e integração escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCARE - SABERES DOCENTES, 7., 2007, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Champagnat, 2007. p.174-186.
- NOGUEIRA, N.A.S. Gibiteca e o estímulo à leitura. In: ENCONTRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL - LEITURA E CRÍTICA, 5., 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. p.2-15.
- OLIVEIRA, M.J.A. *A dinamização de coleções de histórias em quadrinhos nas bibliotecas populares do Rio de Janeiro*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. Disponível em: <<http://infocultura.info/rabci/node/54>>. Acesso em: 28 ago. 2008.
- PELLEGINI, D. Aulas que estão no gibi. *Revista Nova Escola*, v.15, n.130, p.24, 2000.
- RICHARDSON, R.J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SANTOS, R.E. Aplicações da história em quadrinhos. *Comunicação & Educação*, n.22, p.46-51, 2001. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br>>. Acesso em: 12 abr. 2008.
- TOLEDO, A. Eu já sei ler gibi. *Revista Nova Escola*, v.22, n.210, p.43-45, 2007.
- VERDOLINI, T.H.A. *Turma da Mônica: trajetória intertextual em 40 anos de história*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://mx.mackenzie.com.br/tede/tde>>. Acesso em: 15 jul. 2008.
- VERGUEIRO, W. *As gibitecas: um espaço privilegiado para a leitura e difusão de histórias em quadrinhos no Brasil*. 2003a. Disponível em: <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>. Acesso em: 6 maio 2008.
- VERGUEIRO, W. *Histórias em quadrinhos, bibliotecas e bibliotecários: uma relação de amor e ódio*. 2003b. Disponível em: <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>. Acesso em: 6 maio 2008.
- VERGUEIRO, W. *O leitor de histórias em quadrinhos: diversidades e idiosincrasias*. 2003c. Disponível em: <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>. Acesso em: 6 maio 2008.
- VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. *Data Gramma Zero*, v.6, n.2, 2005. Disponível em: <<http://www.datagramazero.org.br>>. Acesso em: 6 maio 2008.
- VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, A. et al. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006a. p.31-64.
- VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A. et al. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006b. p.7-29.